

A ARQUITETURA TEXTUAL DE “SANTINHOS POLÍTICOS”

Priscila Lopes Viana (UFMG)

priscilaviana@live.com

Janice Helena Chaves Marinho (UFMG)

INTRODUÇÃO

Para analisarmos os elementos caracterizadores do gênero textual “santinho político” - um dos meios pelos quais os candidatos a cargos políticos apresentam-se ao eleitorado brasileiro -, recorremos ao modelo de análise de textos do “Interacionismo Sociodiscursivo” (Bronckart, 1994; 2007).

Bronckart (1999) propõe que todo texto é organizado em três níveis (camadas) superpostos, e em parte interativos, que constituem o “folhado textual”: (1) a arquitetura interna dos textos, (2) os mecanismos de textualização e (3) os mecanismos enunciativos. Essa divisão de níveis de análise é concebida pelo autor como necessidade metodológica para se desvendar a complexidade da organização textual.

Na hierarquia do autor, a arquitetura interna dos textos seria o nível mais profundo. Constitui-se pelo (a) plano geral do texto, pelos (b) tipos de discurso, pelas (c) modalidades de articulação entre seus tipos de discurso e pelas (d) seqüências que casualmente aparecem no plano geral do texto. No nível intermediário, estariam os mecanismos de textualização, constituídos pela (a’) conexão, (b’) coesão nominal e (c’) coesão verbal. No último nível - o mais “superficial” - estariam os mecanismos de responsabilização enunciativa, os quais cooperam mais para o estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto, pois, além de contribuírem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, traduzem as várias avaliações em relação ao conteúdo temático.

Neste estudo, a análise se voltará para a arquitetura textual de textos de “santinhos políticos”, cujo gênero – até onde nos foi possível perceber – não tem sido foco de estudos lingüísticos. Todavia, devido à impossibilidade de estendermos muito nosso texto, nós fo-

calizaremos o plano geral e os tipos de discurso de dois exemplares do gênero.

Os dois “santinhos” selecionados fazem parte de um corpus coletado nas campanhas eleitorais do ano de 2004. Trata-se, portanto, de “santinhos” de dois candidatos que concorreram ao cargo de prefeito (juntamente com seus respectivos vices) em cidades interiores do estado de Minas Gerais no ano de 2004.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A arquitetura interna dos textos

Como afirmamos acima, Bronckart (2007) coloca a arquitetura textual no nível mais profundo do “folhado textual”. Essa arquitetura é constituída pelo (a) plano geral do texto, pelos (b) tipos de discurso, pelas (c) modalidades de articulação entre seus tipos de discurso e pelas (d) seqüências que casualmente aparecem no plano geral do texto.

O plano geral do texto refere-se à disposição de conjunto do conteúdo temático. De acordo com Bronckart (2007), ele pode, de um lado, ser codificado em um resumo e, de outro, apresentar-se claramente no processo de leitura.

Os tipos de discurso nomeiam os segmentos diversos de um texto e constituem os elementos fundamentais da arquitetura interna dos textos. Bronckart (2007) aborda esse conceito como uma continuidade dos trabalhos de Benveniste (1966), Weinrich (1973) e Simonin-Grumbach (1975).

Através da abordagem desses autores, Bronckart (2007) constrói sua própria abordagem com o objetivo de descrever, de um lado, os planos de enunciação ou mundos e as operações psicológicas nas quais se baseiam e, por outro lado, descrever as configurações de unidades lingüísticas que “traduzem” esses mundos em uma língua natural.

O autor centra-se, inicialmente, na questão da construção dos mundos, pois, para ele, a atividade de linguagem baseia-se - por causa de sua natureza semiótica - na criação de mundos virtuais. Sendo

assim, por convenção, os mundos representados pelos agentes humanos são denominados por Bronckart (2007) de “mundo ordinário”, cuja expressão estaria reunindo os três mundos formais postulados por Habermas (1987); enquanto os mundos virtuais criados pela atividade de linguagem são chamados de “mundos discursivos”.

Bronckart (2007) distingue quatro mundos discursivos: (a) Mundo do Expor implicado, (b) Mundo do Expor autônomo, (c) Mundo do Narrar implicado e (d) Mundo do Narrar autônomo. Para a compreensão desses mundos discursivos é necessário, inicialmente, tecer algumas considerações sobre os dois subconjuntos de operações que ancoram as suas construções. Para o autor, o primeiro subconjunto de operações explicita a relação existente entre as coordenadas gerais do mundo ordinário no qual a ação de linguagem de que o texto se origina é desenvolvida. Enquanto o segundo está especialmente interligado, de um lado, ao relacionamento entre as várias instâncias de agentividade (personagens, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal (exatamente como são mobilizadas em um texto) e, por outro lado, aos parâmetros físicos da ação de linguagem em curso (agente-produtor, alocutário eventual e espaço-tempo de produção).

O autor resume as operações de construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático mobilizado em um texto em uma decisão de caráter binário. Ou seja, essas coordenadas podem ser apresentadas como “disjuntas” das coordenadas do mundo ordinário da ação de linguagem, ou, não ocorrendo esse distanciamento de forma explícita (através de uma origem espaço-temporal), as coordenadas apresentam-se como “conjuntas” às da ação de linguagem.

Por meio dessa primeira distinção, Bronckart (2007) separa os mundos “da ordem do NARRAR” (disjuntos) e os mundos “da ordem do EXPOR” (conjuntos). Os mundos da primeira ordem são situados em um “outro lugar” que pode ser avaliado ou interpretado pelos seres humanos por permanecerem, em alguma medida, similares ao mundo ordinário.

Em relação aos mundos da ordem do Expor, a situação mostra-se de modo distinto, pois, por apresentarem conteúdo temático

dos mundos discursivos conjuntos, são sempre avaliados e interpretados de acordo com os critérios de validade do mundo ordinário.

Bronckart (2007) também descreve as operações de explicitação da relação com os parâmetros da ação de linguagem em curso em termos de uma oposição de caráter binário. Ou um texto (ou segmento de texto) pode “implicar” os parâmetros da ação de linguagem, explicitando a relação que suas instâncias de agentividade mantêm com esses parâmetros (agente-produtor, alocutário eventual e sua situação no espaço-tempo) através de referências dêiticas a esses mesmos parâmetros. Ou, ainda, essa relação pode não ser explicitada, de forma que as instâncias de agentividade do texto relacionem-se indiferente ou independentemente com os parâmetros da ação de linguagem em curso, isto é, com “autonomia”.

A relação de implicação com os parâmetros da ação de linguagem e a de autonomia com esses mesmos parâmetros são a segunda distinção que Bronckart (2007) estabelece entre os mundos discursivos.

Através das operações constitutivas dos mundos discursivos, isto é, cruzando as distinções entre as ordens “narrar”/“expor” e a oposição implicação/autonomia surgem os quatro mundos discursivos definidos em Bronckart (2007):

1. Mundo do narrar implicado;
2. Mundo do narrar autônomo;
3. Mundo do expor implicado;
4. Mundo do expor autônomo.

Somente a partir de formas lingüísticas que os semiotizam é que esses mundos e suas operações constitutivas são passíveis de identificação. Portanto, eles são dependentes dessas formas. Por meio dessa constatação, Bronckart (*op. cit.*) aponta o problema metodológico delicado de se apreender essas formas lingüísticas sob o ângulo das operações psicológicas que subjazem a elas ou de se apreendê-las sob o ângulo efetivamente das marcas lingüísticas observáveis. Por um lado, os mundos discursivos seriam constituídos por operações psicológicas gerais, isto é, de caracteres universais por serem independentes de características próprias das línguas naturais; de ou-

tro lado, os mundos discursivos são traduzidos por marcas lingüísticas específicas das línguas naturais.

Devido a esses dois possíveis olhares, o autor introduz, como Bain (1985), a distinção entre “tipo psicológico” ou “arquitipo” (Bronckart, 1994) e “tipo lingüístico”. A primeira expressão designaria o tipo de discurso como uma entidade abstrata que é apreendida somente pelo ângulo das operações psicológicas “puras”: sem alguma referência aos recursos morfossintáticos de uma língua natural particular. Por sua vez, a segunda expressão indica uma entidade real na qual o tipo de discurso é semiotizado por uma língua natural.

Assim, os tipos de discurso correspondentes aos mundos discursivos são apresentados por Bronckart (2007, p. 157) em um quadro de dupla entrada:

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR.
Relação ao ato de produção	Implicação	<i>Discurso interativo</i>	<i>Relato interativo</i>
	Autonomia	<i>Discurso teórico</i>	<i>Narração.</i>

Nesse sentido, verifica-se que os tipos de discurso são em número limitado e, por isso, passíveis de categorização e classificação. Verifica-se também que quando os tipos de discurso são tomados pela sua superficialidade lingüística no texto, são denominados de tipos lingüísticos. Sendo assim, em cada língua natural há configurações de unidades específicas possíveis de aparecer em cada um desses tipos lingüísticos. Contudo, os tipos de discurso podem ser concebidos através de traços de operações psicológicas mais gerais, isto é, universais, sendo identificáveis como tipos psicológicos ou abstratos que independem das especificidades de cada língua natural.

ANÁLISE DO CÓRPUS

Identificação do plano geral do texto em cada “santinho”

Para compreender o plano geral do texto – um dos níveis mais profundos do folhado textual -, Bronckart (2007) afirma ser necessário focalizar a forma como se organiza o conjunto do conteúdo temático. Inicialmente, vale apontar que o tema do gênero “santinhos político” é sempre a candidatura de um ou mais candidatos a diversos

cargos políticos. Para chegarmos ao plano geral desses textos empíricos, resumiremos após a transcrição dos textos de cada um dos “santinhos” as idéias principais que se evidenciam no processo de leitura.

“Santinho” (A)

(1) **FRANCISCO DE SALES DA SILVA**, conhecido popularmente por **Chico Chiquim**, concorre ao cargo de prefeito. Natural de Brás Pires, tem 50 anos de idade, é casado e pai de 05 filhos, cristão fervoroso, trabalhador, honesto, cidadão consciente comprometido com o desenvolvimento geral de Brás Pires e o bem estar de toda região.

(2) Chico tem se destacado como um administrador competente e comprometido com a geração de empregos, fator que considera fundamental para o progresso e o bem estar de nosso povo.

(3) Vereador por duas legislaturas, defendeu os interesses de nosso povo solicitando do prefeito municipal a execução de obras e a prestação de serviços ao município e a população de Brás Pires.

(4) **ANÍSIO FERREIRA CABRAL**, conhecido popularmente como **Anísio do Romir**, concorre ao cargo de vice-prefeito. Tem 42 anos de idade, natural de Brás Pires. É casado pai de 02 filhas, cristão fervoroso, trabalhador honesto, cidadão consciente e comprometido com o bem estar de nosso povo. Anísio é agricultor e proprietário de uma linha de leite na qual ele mesmo trabalha. Morador da fazenda Fumal, Anísio é conhecido em toda região devido aos serviços que presta ao povo. (5) Chico e Anísio, lutarão unidos com o povo pela saúde pública, pela educação, pelo lazer, pelo apoio ao produtor e na micro e pequena empresa, pelos direitos do funcionalismo e pela igualdade entre os cidadãos braspiresenses.

(6) Se você deseja uma Brás Pires desenvolvida, um povo orgulhoso e feliz por aqui habitar, vote em quem carrega consigo um propósito sincero de bem, de paz, de progresso e justiça.

(7) Chico e Anísio trabalharão em todo período de seus mandatos, unicamente em favor do povo braspiresense.

(8) **VOTE PT VOTE 13**

Agora é Chico e Anísio.

AGORA É 13.

Brás Pires para todos

(9) **DEPUTADO FEDERAL**

CÉSAR MEDEIROS

Apoiando esta candidatura

O plano geral do “santinho” (A) apresenta-se da seguinte maneira:

- a) apresentação da “pessoa” do candidato ao cargo de prefeito (parte 1);
- b) a competência de Chico como administrador (parte 2);
- c) suas ações como vereador (parte 3);
- d) apresentação de caracteres da vida pessoal e profissional do candidato a vice-prefeito (parte 4);
- e) o que os candidatos farão se forem eleitos (parte 5);
- f) interpelação aos eleitores para que votem nesses candidatos (parte 6);
- g) como e para quem trabalharão em seus mandatos (parte 7);
- h) mais interpelações (parte 8);
- i) o apoio de um deputado federal (parte 9).

“Santinho” (B)

(1) Eleitor e Eleitora de Presidente Bernardes

(2) A verdade está na síntese coletiva que fomos capazes de tirar dos nossos encontros, os nossos projetos de mudança.

(3) Quantas vezes vocês pensaram em começar tudo de novo? Quantas vezes o desânimo aconchegou em seu coração por ver tantas injustiças e teve a vontade de abandonar tudo? Às vezes a revolta apoderou-se do seu íntimo por sentir-se impotente em situações difíceis? Quantas vezes o poder público impôs sua vontade e o seu representante legal, eleito com seu voto, nada fez para amenizar o impacto de uma medida política sempre em detrimento da sua vontade. Vocês estão satisfeitos com tudo que nos rodeia? Está chegando o momento de renovar...

(4) É preciso usar sua arma, seu voto é de grande valor para mudar as coisas que vocês desejam e precisa ser mudado. Pense no amanhã! Acredite que nesses três meses de campanha o futuro pode mudar para o melhor de todas as famílias. O seu voto é um direito e nós temos compromisso com você.

(5) Mudança pra valer, o povo faz acontecer!

(6) DEPUTADO FEDERAL

CÉSAR MEDEIROS

Apoiando esta candidatura

O “santinho” (B) apresenta o plano geral da seguinte forma:

- a) explicitação do público alvo do texto (parte 1);
- b) os candidatos afirmam possuir projetos de mudança (parte 2);
- c) vários problemas são questionados aos alocutários (parte 3);
- d) o voto é apresentado como a solução para todos os problemas (parte 4);
- e) incentiva-se a mudança (parte 5);
- f) um deputado federal estimula a eleição desses candidatos (parte 6).

***Os tipos lingüísticos
que “traduzem” os tipos psicológicos dos “santinhos”***

Haja vista que, para Bronckart (2007), toda atividade de linguagem constrói um mundo discursivo, devemos nos centrar, inicialmente, em verificar qual mundo (ou quais mundos) é criado quando se interage com um texto do gênero “santinho político”. Viu-se que o autor distingue quatro mundos discursivos: (a) Mundo do Expor implicado, (b) Mundo do Expor autônomo, (c) Mundo do Narrar implicado e (d) Mundo do Narrar autônomo. As construções desses mundos são ancoradas por dois subconjuntos de operações: (i) o primeiro subconjunto de operações explicita a relação existente entre as coordenadas gerais do mundo ordinário no qual a ação de linguagem de que o texto se origina é desenvolvida e, (ii) o segundo está especialmente interligado, de um lado, ao relacionamento entre as várias instâncias de agentividade (personagens, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal (exatamente como são mobilizadas em um texto) e, por outro lado, aos parâmetros físicos da ação de linguagem em curso (agente-produtor, alocutário eventual e espaço-tempo de produção).

Quanto ao primeiro subconjunto de operações, observa-se que o “santinho” (A) apresenta suas coordenadas, sobretudo, como “con-

juntas” em relação às do mundo ordinário da ação de linguagem. Ou seja, os fatos são colocados como sendo acessíveis no mundo ordinário dos interactantes e, por isso, são **expostos**. Apenas um segmento (parte 3) ancora-se em uma origem espaço-temporal através das expressões “por duas legislaturas” e “Brás Pires”. Com isso, esse segmento constrói um mundo “disjunto” ao mundo ordinário da ação de linguagem. Este mundo disjunto, por sua vez, pertence a outra ordem, isto é, à ordem do Narrar, pois trata-se de um mundo situado em um “outro lugar”. No entanto, no caso do GT “santinho político” o grau de desvio desse mundo disjunto é fraco, já que veicula um conteúdo que pode ser interpretado e avaliado em relação aos critérios essenciais de validade do mundo ordinário. Tal segmento (parte 3) é, portanto, de um “Narrar *realista*” em oposição ao “Narrar *ficcional*” que, para Bronckart (op. cit.), pode apenas ser sujeito a uma avaliação parcial.

Em relação ao segundo subconjunto de operações, verifica-se que, no caso do “santinho” (A), os parâmetros da ação de linguagem são mobilizados (“implicados”) nesse texto por meio, por exemplo, de unidades remetendo ao alocutário (“você”) e ao momento da interação (“Agora”). Nesse sentido, os agentes da ação de linguagem e o momento dessa interação são explicitados por meio de referências dêiticas. Conseqüentemente, para se interpretar completamente esse texto, é relevante conhecer suas condições de produção.

A análise desses dois conjuntos de operações leva-nos a concluir que o “santinho” (A) caracteriza-se pelo arquétipo discursivo denominado por Bronckart (op. cit.) de discurso conjunto implicado. Assim, o tipo psicológico predominantemente criado nesse texto é o **discurso interativo**, tipo cuja correspondência é o “Mundo do Expor implicado”. Viu-se, porém, a presença de um pequeno segmento (parte 3) criando um “Mundo do Narrar implicado” cujo tipo psicológico é o **relato interativo**.

O “santinho” (B) também se caracteriza pelo tipo psicológico **discurso interativo**, mas, ao contrário do “santinho” (A), não apresenta segmento algum da ordem do Narrar. O texto do “santinho” (B) constrói em sua totalidade um “Mundo do Expor implicado”, o que é explicitado por seus elementos lingüísticos. Não há uma ancoragem espaço-temporal que remeta o alocutário a um “outro lugar” e

há muitas expressões que remetem aos interactantes da ação de linguagem em curso, por exemplo: “Eleitor e Eleitora de Presidente Bernardes”, “você”, “vocês”, “seu voto”, “nosso”, “nós” etc.

Verificamos, portanto, que os “santinhos” (A) e (B), cujo tipo predominante é o discurso interativo, apresentam as seguintes características: presença de unidades que remetem à própria interação verbal; frases imperativas e, especialmente no “santinho” (B), interrogativas e exclamativas; explora-se, sobretudo, um subsistema de tempos verbais composto pelo presente, pretérito perfeito e futuro do indicativo; presença de pronomes, verbos e adjetivos de primeira e terceira¹ pessoa do singular e do plural, ressaltando o grande uso do pronome pessoal de terceira pessoa “você” que personifica um alocutário individual e indeterminado; presença de auxiliares de modo, bem como de auxiliares com valor pragmático.

Dentre as unidades que remetem à ação de linguagem em curso, podemos citar, no “santinho” (A), o dêitico espacial “aqui” e o dêitico temporal “agora” e, no “santinho” (B), o ostensivo “nesses”. As frases imperativas também são recorrentes nos “santinhos”: “vote em quem...”, “VOTE PT” e “VOTE 13” no “santinho” (A); “Pense no amanhã!” e “Acredite que...” no “santinho” (B).

Quanto ao subsistema de tempos verbais explorado, podemos observar os valores de simultaneidade, anterioridade e posteridade expressos, respectivamente, pelos três grupos:

- 1) “está”, “concorre”, “tem”, “é casado”, “considera” “estão”, “nos rodeia”, “É”, “é”, “desejam”, “precisa ser”, “pode”, “é” “temos”, “faz”, “concorre”, “tem”, “é casado”, “é”, “trabalha”, “é conhecido”, “presta”, “está chegando”, “é”, “É”, “carrega”, “deseja”;
- 2) “defendeu”, “solicitando”, “fomos”, “pensaram”, “aconchegou”, “teve”, “apoderou-se”, “impôs”, “fez” e “tem se destacado”;
- 3) “lutarão” e “trabalharão”.

¹ Referimo-nos às formas verbais de terceira pessoa que se articulam ao pronome “você”, as quais demarcam lingüisticamente os protagonistas da interação.

Outra característica de fácil observação nos “santinhos” que apresentam o tipo **discurso interativo** é a presença de pronomes e verbos de primeira e terceira pessoa do singular e do plural. Vale salientar que, no português, é mais comum o uso do pronome pessoal de terceira pessoa “você(s)” para dirigir-se diretamente ao(s) alocutário(s). Sendo assim, a forma verbal que mais comumente articula-se ao alocutário é, ao contrário do que se observa na língua francesa (verbos de segunda pessoa articulados a pronomes de segunda pessoa *tu* e *vous*), a de terceira pessoa. Podemos citar, como exemplo, os pronomes “você”, “vocês” “seu”, “sua”, “nossos”, “nós”, “nos manter”, “nos rodeiam” e os verbos “podemos”, “fomos”, “Pense”, “Acredite”, “temos” e “vamos”.

Quanto às anáforas, esses “santinhos” trazem as anáforas pronominais bem como as nominais:

(a) Anáforas pronominais:

- por Chico Chiquim, concorre... (**ele**) tem 50 anos idade, (**ele**) é casado... (“Santinho” A)
- Chico tem se destacado.. (**ele**) considera... (**ele**) defendeu... (“Santinho” A)
- Anísio do Romir, concorre... (**ele**) Tem 42 anos... (**ele**) É casado... (“Santinho” A)
- Anísio é agricultor... **ele** mesmo trabalha... (“Santinho” A)
- Quantas vezes **vocês**... (**você**) teve... por (**você**) sentir-se... (“Santinho” B)
- Pense (**você**)... Acredite (**você**) ... compromisso com **você**. (“Santinho” B)

(b) Anáforas nominais por repetição fiel:

- Chico e Anísio, lutarão... Chico e Anísio trabalharão... Agora é Chico e Anísio. (“Sant.” A)
- Anísio é agricultor... Anísio é conhecido... (“Santinho” A)
- Quantas vezes **vocês**... **Vocês** estão... (“Santinho” B)

(c) Anáforas nominais por substituição lexical:

- FRANCISCO DE SALES DA SILVA, conhecido popularmente por Chico Chiquim, concorre... Chico tem... (“Santinho” A)

- ANÍSIO FERREIRA CABRAL, conhecido popularmente como Anísio do Romir, concorre... **(ele)** Tem 42 anos... **(ele)** É casado... Anísio é... (“Santinho” A)

- Eleitor e Eleitora de Presidente Bernardes

Quantas vezes **vocês**... (“Santinho” B)

- Quantas vezes o desânimo aconchegou em seu coração... a revolta apode-rou-se do seu íntimo... sua vontade. (“Santinho” B)

- É preciso usar sua arma, **seu voto** é... (“Santinho” B)

Por fim, há ainda a presença de auxiliares de modo e de auxiliares com valor pragmático. “É preciso” e “precisa ser mudado” são exemplos que exercem tais funções nos “santinhos” (B).

CONCLUSÕES

Por meio das análises realizadas no decorrer do presente estudo, observamos que em ambos os “santinhos” há o a criação predominante do mundo do expor implicado. Percebemos que as escolhas lingüísticas que determinaram a construção de tal mundo demonstram uma preocupação dos produtores dos textos de interagir com os alocutários de forma a gerar uma atmosfera de intimidade com seu público alvo.

Embora outras análises de outros “santinhos” de nosso cópulo mostrarem que, muitas vezes, as escolhas lingüísticas dos produtores dos textos desse gênero levam à criação de outros mundos discursivos, temos verificado certa recorrência - em “santinhos” de candidatos a cargos de vereador e prefeito de cidades do interior de Minas Gerais - da construção do tipo lingüístico discurso interativo.

Essa recorrência tem nos indicado que os alocutários desses “santinhos” estejam provavelmente influenciando a elaboração dos textos, pois, no contexto dessas cidades, todos os cidadãos frequentemente se conhecem (pessoalmente ou por “ouvir dizer”).

Nesse sentido, construir um mundo do expor autônomo – que corresponde ao discurso teórico – ao invés do mundo do expor implicado, poderia em alguma medida não atingir esse público específico, visto que, no discurso teórico não se interpela os alocutários. Ao contrário, no discurso teórico, pretende-se construir um “discurso

da verdade” no qual uma voz que se afasta das instâncias de agentividade afirma as qualidades do político.

Enfim, resta-nos ressaltar que a análise realizada traz algumas características de como se dá a “tradução” do arquétipo mundo do expor implicado e, em menor grau, do mundo do narrar implicado para seus tipos lingüísticos em português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIN, D. L’analyse des textes architypiques. **In:** BRONCKART, Jean-Paul et al., *Le fonctionnement des discours*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1985, p. 67-99.

BENVENISTE, Emile. *Problemes de linguistique generale*. Paris: Gallimard, 1966.

BRONCKART, Jean-Paul. *Le fonctionnement des discours: um modele psychologique et une méthode d’analyse*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1994.

———. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. 2ed. São Paulo: EDUC, 2007.

DE BOTH-DIEZ, A. M. L’aspect et ses implications dans le fonctionnement de l’imparfait, du passé simple et du passé composé au niveau textuel. *Langue française*, n. 67, 1985, p. 05-22.

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l’agir communicationnel*. Paris: Fayard, 1987. 2v

HAMBURGER, K. *Logique des genres littéraires*. Paris : Seuil, 1986.

MEURER, José Luiz. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. **In:** FORTKAMP, M. B.; TOMICH, L. M. B. (Orgs.) *Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000, p. 149-166.

SIMONIN-GRUMBACH, J. Pour une typologie des discours. **In:** BENVENISTE, Emile; KRISTEVA, Julia; MILNER, Jean-Claude; RUWET, Nicolas. *Langue, discours, société*. Paris: Seuil, 1975.

WEINRICH, Harald. *Le temps: Le recit et le commentaire*. Paris: Seuil, 1973.